

HERMENÊUTICA LIBERTADORA

UM MODO DE LER A BÍBLIA



JOSÉ ROBERTO CRISTOFANI

Iniciando a Caminhada

Como os discípulos a caminho de Emaús,

necessitamos da companhia uns dos outros e, em nossa caminhada, da presença de Jesus. Às vezes uma presença explícita e declarada. Outras vezes, uma presença implícita e invisível.

E a Palavra se faz carne, e nós, que a recebemos, somos feitos povo de Deus. E como povo de Deus buscamos a compreensão desta Palavra. Ela está entre nós e nos esforçamos por percebê-la na sua plenitude.

É essa busca pela Palavra de Deus que nos move em direção à Bíblia. Nela, cremos, nos deparamos com a voz do Senhor, que se multiplica em Primeiro e Segundo Testamentos. Voz que se manifesta na multiplicidade do falar humano, envasada nas muitas formas orais e literárias, distribuída em uma vasta gama de experiências existenciais e pontilhando uma história bastante diversificada.

A Bíblia é o testemunho escrito dessa voz que fala ao nosso coração, renova nossa alma, encanta nossa emoção, desperta nossa imaginação, transforma nossa mente, alegra nossa vida, conduz nossos pés e nos enche com um frescor matinal a cada dia.

Ouvir esta voz requer atenção. Uma atenção situacional, existencial e engajada. São nossos pés que primeiro chegam às Escrituras. E são eles que nos dão a dimensão histórica a partir e em meio a qual nos esforçamos por ouvir a voz de Deus dentro da situação em que foram produzidos, transmitidos e registrados. Depois são nossos olhos que permitem vislumbrar os textos bíblicos dentro do agir existencial que permeia a voz dos protagonistas, que testemunham em suas vidas e com sua existência o relacionamento com o Senhor. Por fim, nossas mãos nos concedem a habilidade de compreender quais ações o texto bíblico exige que executemos em prol do mundo no qual vivemos. Pés, olhos e mãos são instrumentos singulares do esforço que empregamos para ouvir atentamente a voz de Deus.



Por isso, cada comunidade tem seu jeito peculiar de ler a Bíblia. E nós não somos diferentes neste particular. Diferentes são nossas abordagens das sagradas letras, posto que vivenciamos nossa fé de forma diversa de outras comunidades de fé.

Assim, como povo do Altíssimo, nos colocamos a caminho de Emaús com os olhos postos no horizonte, dispostos a caminhar em comunidade e atentos para tentar perceber o falar de Deus em nossa jornada.

Como nós lemos a Bíblia?

Como cada comunidade gera uma maneira de ler a Bíblia, é preciso perguntar: Como nós lemos a Bíblia? Esta questão será a bússola que nos orientará nesta jornada pela busca de ouvir e proclamar a palavra libertadora de Deus.

Para responder à questão proposta vamos dividir nossa caminhada em três estações. A primeira parada é na estação: Uma Bíblia, muitas leituras. A segunda parada é na estação: Uma história, muitas situações. A terceira parada para desembarque é na estação: Nossa vida, nossa leitura.

Na primeira estação revisitaremos as diversas abordagens da Bíblia que dizem respeito ao nosso Continente latino-americano. Nesta estação visualizaremos um mapa estilizado das leituras bíblicas mais significativas que apontam a multiplicidade de pontos de vistas, métodos etc.

Na segunda estação analisaremos as situações históricas, situacionais e existenciais que permeiam as leituras da Bíblia. Nessa estação traçaremos um roteiro no mapa das leituras bíblicas vistas na estação anterior.

Finalmente, na terceira estação, apresentaremos os componentes comuns às formas de se ler a Bíblia que julgamos mais adequadas ao jeito de ser igreja na América Latina. Nessa estação fixaremos os marcos da identidade hermenêutica que podem mediar a leitura e proclamação da Palavra de Deus.

Então quais são os elementos históricos, situacionais e existenciais que influenciam nosso modo de interpretar a Escritura?

Sabemos que nenhuma apreciação literária é isenta, neutra ou inocente, pelo contrário, sustentamos que nossa hermenêutica deve ser comprometida, militante e intencional. O simples fato de sermos o que somos é suficiente para dar “nosso” colorido ao texto.



Diferentes abordagens

Há um certo limite em um pote pequeno. Para enchê-lo dos tesouros hermenêuticos que temos basta meia dúzia dessas joias, porque é impossível guardá-los todos neste pequeno recipiente. Por isso, é preciso selecionar, entre tantas leituras bíblicas possíveis, aquelas que, de alguma forma, contribuíram e contribuem para uma determinada forma de se ler a Bíblia em nossa igreja. Eis nosso critério de seleção. Ao trabalho, então!

Primeira Estação – Uma Bíblia, muitas leituras.

A década de sessenta do século XX efervescia de grandes mudanças. A efervescência política, social, econômica, ideológica, cultural, na América Latina e no Brasil de modo mais próximo, apresentava os desafios próprios das novas realidades. Era um chamado à reflexão, à mudança e à ação para toda a sociedade, a igreja inclusive.

E cada setor da sociedade respondeu a esse chamado de forma diversa e de acordo com seu papel social. Então, a comunidade de fé se viu em meio ao calor dos debates e ao crepitar do fogo, muitas vezes. E seu modo de ler a Escritura nunca mais foi o mesmo, pois a leitura da Bíblia experimentou, também, a sua dose de transformação.

Inserida como estava, nossa igreja nasceu nos braços dessa efervescência político-social, de mãos dadas com o desejo e a necessidade de se estender essas transformações libertadoras em curso até os centros de poder eclesiais e teológicos. O clamor de setores que propunham uma mudança nos cânones eclesiológicos e ideológicos da Igreja encontrou ressonância no vigoroso novo modo de se ler a Bíblia na América Latina e no Brasil.

O que chamo de novo modo de se ler a Bíblia se constituiu a partir dos movimentos de libertação contra as ditaduras do nosso continente. Animado pelas novas possibilidades de questionamentos de base crítica e ideológica, o povo de Deus vislumbrou uma grande luz a iluminar os caminhos para uma apropriação diferenciada do sentido das Escrituras. Desvelou-se, assim, um novo horizonte na leitura da Bíblia. Horizonte no qual cabia os sonhos daquelas parcelas oprimidas na sociedade e sem voz na igreja.

A interpretação bíblica no final da década de sessenta e início da década de setenta foi sacudida pela bendita descoberta feita pelo povo de que o clero, protestante ou católico, não tinha o monopólio da Bíblia. O povo a tomou nas mãos e deu curso ao irreversível movimento que hoje chamamos de “Leitura Popular da Bíblia”.



Essa porém, não é a única maneira de se referir ao movimento de emancipação da leitura bíblica, podemos nomeá-las, com justiça, por exemplo, de “Hermenêutica da Libertação”; “Hermenêutica Militante”; “Leitura Contextual”; e assim por diante. Fato é que, seja como a denominemos, em todas as formas sobressai o aspecto marginal, alternativo, libertador, intencional, engajado e comprometido com determinados valores e princípios.

Sendo um pouco mais específico, podemos falar em leitura feminista, indígena, negra, operária, camponesa e, mais recentemente, em leitura queer da Bíblia. Claro está que essa lista não relaciona as outras muitas maneiras emergentes de leitura e interpretação da palavra, no entanto, ela é bem representativa da variedade de vertentes libertadoras.

Importante lembrar o fato de que essas leituras chamadas aqui de novo modo de se ler as Escrituras surgiram em resposta de um “jeito oficial” de interpretar a Bíblia. Entenda-se “jeito oficial” com o predomínio das hermenêuticas trazidas na bagagem dos missionários norte-americanos, sobretudo, e aceitas sem nenhuma contestação pelas igrejas que eles ajudaram a implantar ou que, já estando estabelecidas, os acolheram às expensas de acordos missionários das denominações no Brasil.

De viés conservador e apropriadas para realidades acima dos trópicos, essas formas de leitura bíblica foram testadas por muitos dentro de situações de conflito e dominação e foram achadas em falta. Dessa deficiência em responder aos reclamos de situações diversas de seu nascedouro emergiu a suspeita de que ler as sagradas letras na América Latina dos anos sessenta e setenta exigia uma atitude radical.

Então, biblistas e teólogos latino-americanos assumiram como tarefa um labor de rejuvenescer a interpretação da Bíblia. E a primeira percepção foi de que não era possível fazer hermenêutica para outras pessoas e sim com outras pessoas. Esse estalo inicial lançou a semente que mais frutificou em nossas paragens, a saber, que não se pode assumir o papel de sujeito da leitura bíblica no lugar de outros. Premissa posta, premissa aceita. Cada grupo, portanto, é responsável por produzir sentido no livre exame das Escrituras. Eis um princípio protestante.

Entretanto, a consequência imediata disso foi que os leitores e leitoras da Bíblia não estavam confinados às igrejas, mas espalhados pela sociedade mais ampla. Além do mais, a constituição étnica, social e econômica do povo de Deus se fazia numa variedade bem singular em nosso país. Dessa forma, qual deveria ser o parâmetro norteador da leitura já que havia multiplicidade nas maneiras de ser cristão? Alguma forma de ler a Bíblia seria mais “bíblica” do que outras?

Duas concepções foram propostas. Uma que afirmava que qualquer interpretação da Escritura era legítima se nascida do povo, portanto, deveria ser ecumênica. A outra rezava que o critério que deveria unificar a diversidade étnica, social e econômica era a condição de dominação a qual essa parcela leitora da Bíblia estava submetida, portanto, deveria ser libertadora.



Assim, floresceu no solo fértil do nosso Continente um punhado de abordagens bíblicas que serviu de refrigerio para uma grande parte da população que se encontrava silenciada, humilhada, marginalizada, que na sua maioria estavam submetidas a estados ditatoriais e cruéis. O sopro do Espírito deu voz ao povo de Deus esquecido, que agora clamava a pleno pulmões por libertação, animado pela leitura da vida na Bíblia e pela leitura da Bíblia na vida. Uma Bíblia, muitas leituras.

Segunda Estação – Uma história, muitas situações.

Paremos aqui na segunda estação de nossa jornada e olhemos de relance para o quadro social que possibilitou o surgimento dessa multiforme maneira de ler a Bíblia.

No período dos anos sessenta ditaduras se instalaram por toda a América Latina. Via de regra, esses estados autoritários agravaram em muito a situação socioeconômica já precária de grande parte do povo. Sob um modelo de desenvolvimento baseado no endividamento externo e na dependência do capital estrangeiro, esses governos promoveram elevadas taxas de inflação, carestia, endividamento da população e favorecimento das elites.

O setor político foi alvo de um massivo e sistemático programa de alinhamento com tais governos. Ai se implementou, através de intervenções em todos os níveis, a ideologia doutrinária da segurança nacional. Os atos institucionais visavam garantir que o aparato legislativo e jurídico atuasse a favor dos desmandos arbitrários, na tentativa de conferir a eles uma aparência de legitimidade.

O discurso ditatorial alegava a proteção da nação contra as hostes comunistas e socialistas. Aqui no Brasil foi a alegação utilizada para justificar o golpe militar em 1964. Esse discurso magnetizou setores ultraconservadores das sociedades e aglutinou parcelas da população que trilhava os passos à direita volver. Inclui-se aqui, quase a totalidade do clero católico e das igrejas protestantes que, inflamadas por uma palavra estranha àquela do Deus que professavam, contribuíram, com delações não premiadas, para identificar ministros do Evangelho, padres, bispos, clérigos e leigos em geral que questionavam a legitimidade dos poderes constituídos, nas próprias igrejas, inclusive.

A situação geral na América Latina era de medo, tensão, conflito, dominação, expurgo, denúncia, opressão, tortura, injustiça, crueldade, exclusão, exílio etc. Aqui no “etc” cabe mais adjetivos e você pode acrescentá-los, criando a sua própria lista. Esses que alistei, contudo, bastam para caracterizar o fosso do qual emergiram com força os movimentos sociais de oposição à ditadura.

Entre esses movimentos sociais de resistência floresceram as CEBs - Comunidades



Eclesiais de Base nos porões das igrejas. O lado protestante teve seus representantes na luta contra o regime militar. O que animava as uns e a outros era o insuflar do Espírito que arejava mentes e corações com criatividade na leitura da Palavra. Revigorados pelo frescor de um novo tempo na leitura da Bíblia, muitos dos nossos se engajaram na luta por libertar a própria Bíblia das correntes ideológicas e pressupostos estranhos ao povo de Deus na América Latina.

E a Bíblia se fez povo e o povo sofredor se fez servo de Javé em busca de libertação nos passos de Jesus de Nazaré.

Para a próxima estação, então.

Terceira Estação – Nossa vida, nossa leitura.

A situação histórica no final dos anos sessenta e setenta foi o combustível que incendiou a alma e o coração das leitoras e leitores da Bíblia que, mergulhados nesse contexto, viram com clareza meridiana o que Deus estava falando a elas.

E a Palavra de Deus se fazia ouvir nas diversas assim chamadas Teologias Contextuais, teologias apelidadas de: Teologia do Terceiro Mundo, Teologia da Libertação, Hermenêutica da Libertação, Leitura Popular da Bíblia, Hermenêutica Militante, entre outras.

O salto quântico na interpretação das Escrituras foi, além da suspeita e crítica ideológicas, como já mencionamos, a mudança de paradigma para as Ciências Sociais. Esse instrumento se mostrou extremamente útil para, em primeiro lugar, fazer análise de conjuntura, muito popular nos encontros bíblicos, por exemplo, e, em segundo lugar, esse instrumental ajudou enormemente a compreender as estruturas e relações sociais do texto bíblico.

Dessa forma, foi possível enxergar nitidamente as relações sexistas, produtivas, racistas, escravistas, econômicas etc na vida cotidiana do povo daqui e de lá das narrativas bíblicas. Esse encontro dos leitores e leitoras do nosso tempo com os sujeitos dos textos bíblicos evidenciou relações similares e a ação de Deus naquela situação. Conclusão: Deus age em favor dos oprimidos, daqueles que estão em situações de risco, marginalizados, oprimidos, em posição de dependência do Estado, que deveria assisti-los, como exige toda a literatura deuteronomística, mas ao contrário os exploram ainda mais.

E viu o povo que Deus era bom e que agia em favor dos pobres. Essa descoberta selou a opção de se fazer uma Teologia Bíblica comprometida com a luta de classes, tendo o extrato social mais baixo como a sua formuladora privilegiada. Ouvir a voz que vinha da periferia do mundo era o novo critério para se ler a Bíblia e isso exigia



uma opção clara e preferencial por esses setores empobrecidos.

É caminhando que se faz o caminho. E o longo caminho da libertação foi sendo rasgado num horizonte de lutas e esperanças. O esforço coletivo para ler a Bíblia sob o empuxo dessa perspectiva salpicou a caminhada de princípios que foram adotados e adaptados aqui e acolá nas comunidades de fé.

Entre esses princípios para se ler a Escritura encontramos a necessidade sempre fundamental de que a interpretação da Bíblia seja ecumênica, isto é, leve a sério a voz do povo de Deus em toda forma de manifestação da fé. Afinal, a Bíblia deve nos unir como irmãos e irmãs no caminho de Emaús e não nos separar.

Deriva do princípio anterior e é seu correlato o aspecto dialógico dessa forma de se ler os textos bíblicos. Diálogo permanente deve ser mantido com outros leitores e leitoras, com o texto, com a academia, com a sociedade, a fim de buscar ajuda, entendimento e fraternidade no entendimento e aplicação da Palavra.

Outro componente básico do chamado método de leitura popular da Bíblia é que a vida, com suas vicissitudes, conflitos, temores, sofrimento deve chegar até ao texto. Depois de encharcar de luz as narrativas e ser encharcada com a luz da Palavra de Deus, precisa voltar e vivenciar tal palavra, num circuito vai e vem constante e transformador.

Ainda sobre os princípios que surgiram e permanecem como viáveis para a leitura da Bíblia devemos nos referir de forma genérica aos novos protagonistas: mulher, negro, índio, operário, homossexuais. O que implica em novos lugares fora da academia, junto com o povo, movimentos sociais, comunidades de fé etc. O que certamente nos leva às novas críticas e percepções.

A viagem não terminou

Desembarcamos na terceira estação, mas a viagem não terminou. Na verdade, para nós a viagem apenas começou, por isso embarquemos no bonde da história e trilhemos o nosso caminho em procissão com nossas irmãs e irmãos rumo ao Reino de Deus.

Você percebeu como nosso trem passou correndo pelas estações, pois o objetivo não era de passar muito tempo em cada uma delas, mas apenas mostrar que elas estão aí e podem ser visitadas a qualquer momento para aprofundamento. Convido você a retornar a cada estação, retomar cada assunto e degustá-los com mais intensidade.

Eis um princípio protestante que se generalizou por toda a América Latina nos anos sessenta e setenta: *Sola Scriptura* - o livre exame das Escrituras.



Hermenêutica libertadora em três estações: Um modo de ler a Bíblia

José Roberto Cristofani

São Paulo - Dia da Reforma - 2016

Este texto eu escrevi por ocasião da comemoração do Dia da Reforma Protestante para ressaltar um dos cânones fundantes de nossa tradição reformada, evocado na expressão "*Sola Scriptura*", que tem como princípio o assim chamado "livre exame" das Escrituras.

Esse princípio permitiu ao povo de Deus retomar a sua herança: a Bíblia e, com ela nas mãos e no coração, ser, novamente, o seu mais legítimo intérprete.

